

O corpo

Rafael Cruz Roche,¹ Madri

O autor oferece reflexões sobre a importante mudança que tem realizado o pensamento atual no que diz respeito à consideração da relação do corpo com o psiquismo desde a clássica dissociação cartesiana entre res cogitans e res extensa como entidades diferentes até a compreensão atual de dois aspectos funcionais de um mesmo organismo. Enfatiza a importância da obra freudiana nesta evolução, assim como nas contribuições da filosofia fenomenológica do século XX e das considerações atuais da neurociência. Da mesma maneira, reflete sobre as origens da citada dissociação ainda prevalente em certos modos de pensamento. Descreve, brevemente, as formas com que aparecem na clínica as alterações da organização psicossomática.

Palavras-chave: corpo, mente, dissociação cartesiana, filosofia fenomenológica, neurociências, histeria, hipocondria, psicossomatoses.

¹ Psiquiatra, psicanalista didata, analista de criança, membro da Associação Psicanalítica de Madri (APM).

O corpo é um objeto de reflexão inquietante para os seres humanos desde o início do pensamento abstrato. De fato, o problema fundamental da filosofia analítica atual é o problema corpo-mente que se coloca tão complexo que alguns autores, por exemplo Searle (1997), Nagel (1993), o consideram inacessível às capacidades intelectuais do ser humano. Segundo Marcel (1923), a relação entre o meu corpo e eu, mais que um problema, é um mistério. Talvez por isso, no pensamento filosófico, houve a tendência desde sempre a considerar o corpo como algo objetivo e diferente da própria consciência, do núcleo da subjetividade. Aristóteles compara a relação da alma com o corpo com a do nauta com sua embarcação ou com a do amo com o escravo, alcançando-se o extremo desta forma de pensamento com a radical separação cartesiana entre *res cogitans* e *res extensa*, dissociação prevalente no pensamento ocidental até o século XX, quando, em palavras de Ortega e Gasset (1924), ocorre uma *ressurreição da carne*, na qual o corpo deixa de ser um mero instrumento da vontade de seu possuidor para gradualmente ser considerado como um aspecto integrante de nosso próprio ser e embasamento do qual há de emergir o psiquismo. Ortega, em 1924, denuncia a falta de pulcritude intelectual do idealismo, que pretendeu ocultar o *inegável fato de nossa continuidade com a carne*. Porém, como veremos mais adiante há razões profundas para que esta negação tenha ocorrido (Laín Entralgo, 1989).

Já em 1913, Husserl, nas *Ideias para uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica*, coloca que apenas através do corpo se pode adquirir uma verdadeira existência no tempo e no espaço, mas, simultaneamente, considera possível a existência de uma consciência desprovida de corporeidade. Para Husserl, o corpo tem a dupla inclusão de conformar o ser (é mundo circundante) e de pertencer-lhe, *eu sou meu corpo, e também meu corpo, eu o sinto como uma possessão*. Porém, há de ser sobre tudo com a fenomenologia francesa que se estuda o corpo a partir dessa continuidade com o eu, cuja ruptura Ortega denunciava. Marcel (1923) considera o corpo como pré-condição da existência e modelo da relação com o mundo, sendo *meu corpo algo radicalmente meu*, um *corps vécu* e não algo objetivo. É, ademais, instrumento na relação e conhecimento do outro e da própria consciência que “não cessa de ter um corpo” (Sartre, 1943, p. 412). Merleau-Ponty (1947) acabará postulando que a unidade da alma e do corpo não é marcada por um decreto arbitrário entre dois termos exteriores, um objeto e outro sujeito. Realiza-se a cada instante, no movimento da existência ou, mais explicitamente, “a consciência implica um corpo” (1947, p. 101). Digamos que não se pode manter a dualidade radical entre o corpo e o espírito. Coerentes com estas

afirmações são as últimas contribuições das neurociências; Antonio R. Damasio, Gerald Maurice Edelman e tantos outros.

Desde a perspectiva científica, muito anterior às contribuições das neurociências e com alguma antecedência temporal com respeito à contribuição fenomenológica, embora seguramente expressão de um movimento intelectual comum, o pensamento freudiano vem superar essa clássica dissociação cartesiana entre a *res extensa* corporal e a *res cogitans* anímica que tem dirigido o pensamento culto ocidental durante séculos. A profunda intrincação do corporal no psíquico é contínua na obra freudiana a partir de diversas perspectivas ligadas à importância das zonas erógenas como constituintes dos modos de funcionamento do psiquismo nas diferentes etapas do seu desenvolvimento. Cada fase do desenvolvimento do indivíduo vem caracterizada pela zona erógena predominante que determina a pulsionalidade, a forma de investimento libidinal, assim como as características próprias da relação objetal e os mecanismos de defesa empregados. Esta concepção já considera o corpo como organizador da própria vida mental. Em uma colocação mais abarcante, acabará sustentando, em 1923, que “o Ego é, antes de tudo, um ser corpóreo e não apenas um ser superficial, mas sim inclusive a projeção de uma superfície” (Freud, 1923, p. 27), dando conta de como o funcionamento corporal organiza o aparelho mental. Em 1997, quase setenta e cinco anos mais tarde, em seu livro *O mistério da consciência*, Searle nos diz que estamos obrigados “a ver a experiência do nosso próprio corpo como o ponto de referência central de todas as formas de consciência” (p. 137-8). Há, porém, uma concepção ainda mais radical da união do corpo e da mente quando Freud considera as pulsões como um fenômeno intermediário entre corpo e psiquismo, ou quando considera o Id reservatório das pulsões, como uma instância aberta ao corpóreo, segundo ilustra irrefutavelmente seu gráfico da *31ª Conferência* (1933[1932]), no qual a estrutura da personalidade psíquica fica aberta ao corporal, – “O desenharíamos aberto no extremo orientado para o somático e acolhendo ali em si as necessidades instintivas, que encontram nele sua expressão psíquica” (p. 73), indicando deste modo que o Id é também psiquismo e continuidade do propriamente somático. O Ego, o mais evoluído do psiquismo, não é senão uma parte do Id especialmente diferenciada.

O corpo nos dá forma psiquicamente a partir de uma dupla perspectiva perceptiva e motriz. A consideração da percepção é clássica já desde o aforismo do aquinense (segundo São Tomás de Aquino) *Nihil est in intellectu quod prius non fuerit in sensu*. De outra parte é óbvia a consideração da motricidade corporal como possibilidade comunicadora e de ação do sujeito; recordemos a afirmação de Freud que o pensamento é uma ação limitada em seu fim (1911). São os dois

polos do psiquismo do conhecido esquema do capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* (1900).

Esta concepção e desenvolvimento freudiano da unidade do corpo e do psiquismo são de alguma maneira pioneiras dentro dessa forma de *ressureição da carne*, que Ortega dizia ser uma das características mais importantes do pensamento do século XX. O criador da psicanálise se adianta, temporal e conceitualmente, ao pensamento filosófico e culto da época, seguindo a estrela darwiniana.

Gaddini (1981) afirma que a psicanálise atual considera a atividade mental como a mais altamente diferenciada função do corpo, ou, melhor dito, do organismo. Deveríamos entender, pois, a relação corpo-mente regida por esse princípio dialógico que postula Morin (1986), que, em síntese, consistiria na associação complexa (concorrente, complementária e antagonista) de instâncias conjuntamente necessárias para a existência, o funcionamento e o desenvolvimento de um fenômeno organizado, em nosso caso o organismo humano. Unicamente desde este suposto dialógico podemos nos explicar o misterioso fato de que os sucessos psíquicos possam ter efeitos materiais, fato considerado tantas vezes um escândalo para determinados pensadores. Aí se inclui a capacidade de influenciar no próprio substrato cerebral. Podemos, então, considerar o ser humano como um organismo que é um ser com expressões tanto naturais quanto culturais e capaz de expressar-se em ambas as áreas e receber influências de ambas. O que se chamou um *dualismo de propriedades*.

Insisto em que a psicanálise e seu fundador são precursores e pedra angular de toda essa predominante corrente do pensamento atual que considera o psiquismo como o emergente de um substrato biológico, especialmente complexo que o sustenta e o informa. O problemático é que o referido emergente surge com tal complexidade e diferenciação que exige uma metodologia própria para seu estudo. Nessa situação se encontra Freud quando tem a necessidade de abandonar seu *Projeto* para embarcar em uma via psicológica propriamente dita, mudança metodológica absolutamente adequada e imprescindível para o objeto psíquico de estudo com sua emergente complexidade.

A profunda e constituinte união do psiquismo com o corpo não nos deve fazer perder de vista que os processos psíquicos e somáticos, uma vez estabelecidos e, de certo modo, diferenciados para a consciência, estão governados por diferentes leis e exigem aproximações metodológicas diferentes. Nosso aparelho de pensamento mais evoluído geralmente tende a utilizar dualidades excludentes, seguindo as leis da sintaxe, assim ocorre com a separação corpo-mente e determinadas atitudes angelicais ou pneumáticas, como gostava de chamar Diatkine (comunicação verbal), nas quais não se tem em conta a profunda imbricação do corpo e do

psiquismo, aspectos de uma realidade única. Desta maneira, Laplanche (1993) e seus discípulos chegam a acusar Freud de *desvio biologizante*, sem entender que é precisamente sua coerência e compreensão abarcadora do problema que está atrás da insistência, ao longo de toda a sua obra, no que diz respeito ao substrato biológico do psiquismo.

Certo é que o trabalho psicanalítico se realiza predominantemente desde o vértice psíquico do ser humano, sem nos fazer esquecer, nem subestimar a importância do corpóreo na clínica e, portanto, na teoria. Desde os aspectos prosódicos da linguagem até a extensa informação que transmite a expressão corporal, há uma riqueza relacional extremamente pertinente e útil que, a meu entender, é o substrato da comunicação inconsciente a inconsciente a que se referia Freud em *O inconsciente* (1915).

Certa concepção radical, que considera o psiquismo organizado por e desde a linguagem, enfatiza a efetiva enorme diferenciação do psiquismo humano no que diz respeito aos animais. Porém, de novo aqui surge o risco de retorno da dissociação cartesiana ao serem esquecidos aspectos muito primitivos do psiquismo, nos quais ainda não se constituiu a linguagem, e reduzindo-se esta a uma espécie de comunicação digital na qual se menospreza ser finalmente, uma função corpórea em que determinadas funcionalidades, especialmente a entonação (prosódia), compõem uma comunicação física *mitis*² com a qual se continua, de modo muito matizado, a primeira relação fusional do sujeito com o outro semelhante. Por isto, não deixa de ser uma redundância falar, como se faz frequentemente, de uma linguagem corporal quando toda linguagem é corporal. Se, como coloca Darwin (1873), a função primordial das emoções é a comunicação com o outro, a passagem desta primeira comunicação emocional à linguagem mais propriamente linguística supera a tendência à indistinção da comunicação primária, estabelecendo-se toda uma série de matizes e distâncias que permitem a constituição de si mesmo e do outro como entes distintos.

O risco de que, através da continuidade comunicacional física, que determinados aspectos da linguagem permitem, se estabeleça uma relação fusional *versus* anti-individualizante pode estar na origem do rechaço à avaliação destes aspectos tão construtivos da vida mental, considerando-os pouco *psicológicos*. A situação intermediária da linguagem, surgida do corpóreo, mas também dele distante e com uma importante autonomia no que diz respeito ao corporal graças à semântica, é a que permite uma organização psíquica com uma relativa autonomia, alicerçada no corpo, mas sem ser inundada por ele; aí está o núcleo do método psicanalítico. Em nosso trabalho psicanalítico, uma linguagem viva através do

² N.R.: *Mitis* em latim (figurativamente): suave.

afeto, mas limitada pela *proibição de tocar* (Anzieu, 1984), favorece a continuação do desenvolvimento mental autônomo detido por alguma causa, seja ela qual for.

Quando a linguagem fica separada, excessivamente, de suas fontes corpóreas, no pensamento operatório carente de espessura do pré-consciente, ou quando o contrário utiliza a linguagem como referente às coisas em si, carente do jogo metafórico-metonímico, conforme ocorre no esquizofrênico, em ambos os casos a linguagem se mostra incapaz de promover um desenvolvimento psíquico harmônico. Por outro lado, estes aspectos constitutivos da linguagem podem nos colocar um problema técnico se o paciente percebe nossas intervenções linguísticas como intrusivas ou excessivamente distantes para suas capacidades.

* * *

Parece pertinente fazer algumas considerações sobre as profundas razões da manutenção da dissociação corpo-mente desde o início da história da filosofia até muitos aspectos do pensamento atual. Acredito que existam diferentes possibilidades explicativas muito conectadas entre si. Ao ser o psiquismo um emergente da primeira relação do sujeito com o outro, relação primeiramente corpórea, ocorre um risco universal, que se expressa na história das ideias, da possibilidade de se perder a complexidade emergente do psiquismo, ficando-se inundado pela corporeidade mais absoluta. Risco este que, se na história do pensamento aparece como uma colocação teórica, na situação individual se expressaria como a peculiar forma de funcionamento mental que é a vida operatória, na qual, ao rejeitar qualquer emergente afetivo da corporeidade, o sujeito deixa o aparelho psíquico cindido, isolado do seu embasamento biológico e, portanto, incapaz de cumprir suas funções reguladoras do corpo inerme ante as possibilidades desorganizadoras.

Podemos entender, pois, em uma perspectiva evolucionista, que, nos momentos fundacionais do psiquismo, a indistinção primária com a mãe se conforma de modo substancial através do corpóreo, o que dá lugar à necessidade de alicerçar firmemente a posterior distinção e a necessidade de uma vida individual. Supõe um temor de *reengolfamento* (no sentido de Mahler, 1968), ou reabsorção pelo corpo enquanto representante e continuidade da mãe primária indiferenciada, e assim perder a qualidade especial que supõe o surgimento do psiquismo. Temor à dissolução no corpóreo que de alguma maneira deve continuar em épocas posteriores da vida e que justifica o êxito da dissociação cartesiana no pensamento culto ocidental.

A emergência do psiquismo como um modo de funcionamento especial e especificamente desenvolvido não deve nos fazer esquecer que, no funcionamento normal, continuará havendo uma imbricação, uma interação mútua e que a concepção de uma diferença radical pode estar expressando precisamente a

necessidade defensiva de considerar o psiquismo como algo à parte, já que, surgido do corpo, poderia nele se desfazer.

A dissociação defensiva corpo-mente reaparece de modo disfarçado inclusive em certas ideias psicanalíticas, defensivas, que, em uma leitura parcial do inconsciente da primeira tópica, nos apresenta esse inconsciente descorporizado, dependente exclusivamente da repressão *versus* interdição cultural, obviando a teorização freudiana da segunda tópica, a riqueza da concepção do Id, e negando os estágios de desenvolvimento da libido, como denunciava postumamente Chasseguet-Smirguel (2007).

Uma das origens da consideração do espírito como diferente do corpo tem muito a ver com os sonhos e a possibilidade onipotente que neles ocorre de poder realizar toda uma série de fantasias à margem das limitações que o corpo impõe, aí incluída a mortalidade. O pensamento consciente também tem a ilusão de ir além do tempo e do espaço, ao contrário do corpo, e, como adverte Searle (1997), “se acende e se apaga” (p. 19) à margem da continuidade corporal externa, o que pode fundamentar a ideia de fenômenos separados e independentes. A elação e a liberdade narcisista do psiquismo, em suas fantasias e sonhos, contrastam com as limitações e feridas narcisistas da corporeidade. A separação radical corpo-mente permite a fantasia onipotente da imortalidade da alma e se constitui como uma defesa frente a todas as contínuas limitações que a corporeidade nos impõe. A diferença de sexos, gerações e a presença invasora da corporeidade exacerbada pelo Édipo são os atentados narcisistas fundamentais do sujeito infantil (e adulto), que a dissociação rígida do corpo-espírito tenta sortear. Quando estes aspectos se elaboram integrativamente, permitem que o corpo chegue a representar a intuição concreta da identidade e singularidade do sujeito.

É a presença contínua do corpo a que leva a delimitar o Ego do não-Ego, com a subsequente ferida narcisista. Finalmente, o Ego e o outro têm uma origem comum na indistinção confusional primária.

* * *

A partir da distância já adquirida, livre de risco de *reengolfamento* no somático (próprio e alheio), o psiquismo se aproxima do corpo e o constitui representativamente de diferentes modos que se expressam exacerbados na patologia. Desde esse distanciamento se permitem o voo do pensamento abstrato e a criação cultural. Pensamento que, se permanece carente de seu apontamento, dá lugar ao *sonho de a razão produzir monstros* como no *racionalismo mórbido* do esquizofrênico descrito por Minkowski (1927).

Coloca-nos um duplo interrogador. De que maneira se inscreve o corpo na vida mental? E como se organiza a dita vida mental desde a corporeidade? A

primeira pergunta nos leva ao estudo da sexualidade psíquica, aos investimentos libidinais e, com isso, à possibilidade de patologias conversivas, cujos mecanismos regredientes seguem sendo um enigma, assim como as diversas possibilidades de somatização e de desorganização somáticas, que já estão dando conta da segunda pergunta, ao poderem rastrear através da patologia as formas de intrincação e organização que unem os polos do organismo total. O trabalho com crianças pequenas e pacientes muito graves, nos quais a *ponta evolutiva* do psiquismo (Marty, 1984) é muito desfalecente, nos oferece indício para a compreensão destes problemas.

Poderíamos distinguir em nossa percepção psíquica do corpo: a) um esquema corporal primário constitutivo dos sentimentos de integridade e identidade egoica, que, quando fracassa, dá lugar a fenômenos de desintegração próprios das psicoses; b) um corpo, lugar de origem das pulsões e de sua satisfação, seja no autoerotismo ou na relação de objeto; c) um corpo simbólico, fantasmático, alicerçado principalmente sobre as zonas erógenas, que é ao quê, classicamente, se prestou mais atenção na clínica psicanalítica.

Voltando ao pensamento freudiano especialmente empregado no *Três ensaios* (1905) em *O Ego e o Id* (1923), nesse se nos coloca a relação do corpo com a pulsão do que é origem (lembramos o esquema gráfico da *31ª Conferência*), mas, também, fim da mesma, mediante a satisfação objetal que leva ao descobrimento do outro. Assim, em uma circularidade, a pulsão de origem corpórea leva o psiquismo a um contínuo e íntimo contato com o corpo e com o outro. O pensamento freudiano oferece uma importante originalidade ao pensamento contemporâneo superando as velhas dissociações entre corpo e mente e entre eu e outro, quando nos ensina como se constitui o Ego através das identificações (Cruz Roche, 1990).

Freud, já em 1898, ao referir-se às neuroses atuais nas quais é tão pobre o trabalho de representação, afirma que “o trabalho intelectual é um meio protetor frente a uma eventual afeição neurastênica; justamente os trabalhadores intelectuais mais perseverantes permanecem a salvo da neurastenia” (1898, p. 265), depois de haver advertido sobre a existência de histerias aparentemente neurastênicas nas quais, sim, seriam rastreáveis a conflitiva e a riqueza mental. Esta linha de pensamento é a que nos oferece a Escola de Psicossomática de Paris, com seus penetrantes estudos das desorganizações somáticas como consequência de certas falhas da organização mental, nas quais as exigências de descarga pulsional, ao não poderem se metabolizar numa adequada representatividade, encontram vias de descarga na atuação ou no corpo.

A partir da perspectiva psicanalítica nos é possível considerar algumas formas básicas de adoecer dependentes da inter-relação do psiquismo com o corpo.

Por um lado, os mecanismos de conversão próprios da histeria, de outro lado, a hipocondria e, por fim, aquelas alterações que em geral se consideram propriamente como *doenças psicossomáticas* ou somatoses. Inclusive é de se considerar de que modo o psiquismo se relaciona com o corpo quando adocece, suas mudanças de investimento privilegiando o investimento corporal frente ao objeto externo (Cruz Roche, 2006). É bem conhecido, desde as primeiras contribuições freudianas, o valor simbólico de determinadas áreas ou órgãos corporais, nos quais, de forma *misteriosa*, o investimento psíquico torna-se inervação corporal, produzindo-se os clássicos sintomas de conversão histérica.

Problema próximo, mas diferente, é o da hipocondria na qual, à semelhança do doente orgânico, o sujeito retira seu investimento do mundo externo para concentrá-lo em algum órgão real ou suposto. Por um fenômeno de substituição diferente do que ocorre na conversão histérica, mas também apoiado na identidade de expressão verbal, o órgão afetado sofre um investimento persecutório (e também prazeroso) que o sujeito experimenta de forma especialmente inquietante, muito diferente de *la belle indifférence* histérica. Com uma elaboração psíquica mais reduzida que na histeria, e próxima à utilização que o esquizofrênico faz da linguagem, na qual a palavra toma o relevo da representação coisa, dá conta de um funcionamento mental muito alterado, mas ativo. Um buraco é um buraco para o *Homem dos lobos* (1918).

Algo muito diferente ocorre nas chamadas doenças psicossomáticas, que, na concepção de Marty (1963), estão regidas por um *pensamento operatório* com escassa “espessura do pré-consciente” (1990, p. 38) das redes representativas com a qual a capacidade de circulação entre os elementos das ditas redes está seriamente comprometida. Nesta forma de pensamento ou *vida operatória*, seus produtos se separam das influências do inconsciente. O psiquismo não pode, portanto, exercer sua função paraexcitatória da pulsão corporal; em consequência, a falta desta possibilidade representativa não tem outra possibilidade a não ser a descarga através da atuação (neuroses de comportamento), ou através do próprio funcionamento corporal que, submetido a um excesso de excitação, pode acabar sofrendo graves alterações nesse funcionamento, com a subsequente patologia orgânica. Em último caso, o psiquismo se mostra incapaz de exercer sua função homeostática sobre o conjunto do organismo e perde seu papel diretor de *ponta evolutiva* do organismo.

Entende-se bem que estas formas de adoecer, brevemente enunciadas, não são senão os aspectos extremos da alteração da organização psicossomática que, na clínica, aparecem frequentemente misturadas ou em diferentes momentos funcionais. Em esquema nos conduz à consideração de um corpo erótico, um corpo

narcisista e um corpo sustentador do psiquismo como vértices de uma unidade, cujas alterações dão lugar à conversão histérica, hipocondria e somatoses.

* * *

Não parece inoportuno, nesta consideração geral do corpo como origem e substrato do aparelho psíquico, considerar algumas das importantes contribuições feitas pelas neurociências nas últimas décadas, não apenas no que diz respeito ao cérebro como substrato do aparelho psíquico, mas também ao modo pelo qual está presente, no cérebro, representativo e organizadoramente, o corpo em sua totalidade.

Pessoalmente, resultou-me de grande interesse a ideia de Damasio, em *O erro de Descartes* (1994), de considerar como uma fantasia impossível, própria de uma ficção científica inadequada, a possibilidade de que um cérebro desconectado do resto do corpo pudesse chegar a ter uma atividade distantemente similar à sua habitual função de produção de representações e pensamentos, por mais corretamente que estivesse perfundido homeostaticamente e conectado perceptivamente com o exterior. Sem a contribuição contínua e reguladora da informação do resto do organismo e da excitação interna que supõe, esse cérebro isolado seria absolutamente incapaz de suportar um aparelho psíquico. E. Kandel (2012) o postula de outro modo dizendo que “uma emoção humana puramente incorpórea é um ente vazio” (p. 380).

A corporeidade se presta ao psiquismo, ou, em outros termos, a percepção proprioceptiva traz para o funcionamento cerebral uma capacidade de autonomia autoexcitadora que mantém um funcionamento autônomo com respeito ao mundo exterior, que permite que a percepção seja um fenômeno ativo (como já assinalou Freud repetidamente), capaz de discriminar que aspectos desse mundo externo são pertinentes para a adequada inclusão do organismo no mundo, tanto a partir de seu aprendizado pessoal quanto do herdado filogeneticamente. Hoje em dia está claramente definido na organização das redes perceptivas cerebrais que a quantidade de vias de *acima-abaixo* (dos centros superiores de integração aos mais próximos dos órgãos perceptivos) é muito maior que os contrários de *abaixo-acima* (do externo ao central), o que nos indica a grande importância da própria autonomia do organismo (do sujeito) no que diz respeito ao mundo externo, que vai ser percebido e atuado, peneirado e modificado desde as próprias necessidades construtivas do sujeito. Deste modo, podemos considerar o corpo como matriz de um funcionamento autônomo cerebral e geral do organismo.

Afirma Freud em *O Ego e o Id* (1923): “A percepção interna proporciona sensações de processos que provêm dos estratos mais diversos e por certo também dos mais profundos do aparelho anímico [...] são mais originários, mais elementares

que os provenientes de fora” (p. 23). E em *Mais além do princípio do prazer* (1920): “As excitações provenientes do interior serão, por sua intensidade e por outros caracteres qualitativos, mais adequadas ao modo de trabalho do sistema que os estímulos que influenciam desde o mundo exterior” (p. 28). Percepção do mundo físico interno que nos chega ao aparelho mental primordialmente através das emoções, que, parcialmente independentes dos sistemas dedicados à percepção, se apresentam também como uma maneira de processamento da percepção e, com ela, da cognição. Assim, o Id, mergulhado na corporeidade, é capaz de uma escura, mas fundamental capacidade de informação, graças à percepção das mudanças corpóreas que supõem a relação com os objetos.

Estas aferências corporais são capazes de manter de alguma forma essa importantíssima capacidade de autoexcitação, própria do sistema nervoso central, e, com ela, da autorregulação da realidade psíquica que, mesmo dependente da realidade objetiva externa, tem sua própria dinâmica e autonomia. É digno de resenhar que toda a teoria e técnica psicanalítica balançam continuamente entre a consideração da dependência da realidade psíquica dos fatos históricos pessoais, por um lado, e a valorização de certa autonomia solipsista frente a essa realidade externa por outro. Autonomia solipsista que podemos considerar relacionada com uma memória biológica da espécie, como nos indicava Freud em sua consideração das fantasias originárias.

O aparelho psíquico, organizador através da percepção da realidade externa, ativa e regulada desde si mesmo, é capaz de criar uma rede representacional, a qual tem também uma função de ligar novas excitações corpóreas em um trabalho de paraexcitação, função homeostática que diz respeito ao conjunto do organismo de uma grande transcendência como mostrou a psicossomática psicanalítica (ver a obra da Escola Psicossomática de Paris). Assim se fecha a organização estrutural complexa de um organismo único com uma forte interconexão entre os diversos estratos do sistema, ao modo que postula a Teoria Geral de Sistemas (Bertalanffy, 1968).

Damasio (1999) coloca a existência de uma organização neuronal que dá lugar ao que denomina *proto-self*, regulador e também representante dos estados internos do corpo. Estados internos que se organizam, através de mapas representativos cerebrais, por três diferentes vias: uma via metabólico-homeostática, que se representa prioritariamente mediante a percepção dos parâmetros químicos do meio interno e da situação da musculatura lisa involuntária visceral; uma segunda via vestibular e musculoesquelética, que dá conta da disposição corporal no espaço; e por fim uma terceira via do sentido do tato, que informa sobre a percepção tátil dos objetos externos. O que o leva a postular que “o cérebro é verdadeiramente

o auditório cativo do corpo” (p. 156). O *proto-self* seria de algum modo a origem embrionária da percepção de si mesmo.

Por outro lado, o aspecto mais evoluído da consciência reflexiva de si mesmo, que possui a qualidade de identidade e permanência ao longo do tempo, similar à instância egoica, descrita pela psicanálise, é também fortemente organizado desde o corpo. Baseia-se na história perceptiva das relações com os objetos significativos ao longo da própria vida. Na criação da cartografia neuronal dos objetos, sustenta Damasio, é parte integrante a cartografia do corpo e as mudanças que nele ocorrem durante o ato perceptivo. Colocado de outro modo, a consciência do acontecimento histórico, núcleo do sentimento egoico de identidade, está enraizada profundamente na corporeidade, não apenas através da percepção direta de nossa identidade corporal (*proto-self*), senão também na organização representativa dos objetos externos. Se, de acordo com nosso autor, a consciência é concebida entre dois jogadores, o organismo e o objeto, também, na constituição mental deste objeto, o corpo está radicalmente em relação com esse e presente.

Em resumo, as contribuições da neurociência confirmam nossa concepção psicanalítica do corpo como origem e parte de nossa vida mental, o que magistralmente resume Freud quando afirma que o “ego é acima de tudo um ego-corporal” (1923, p. 29).

Desjours (2015), desenvolvendo as ideias de Laplanche sobre a sedução generalizada, afirma que “[...] o corpo intervém como possuidor de um primeiro poder de tradução” (da relação intrusiva dos pais). “[...] é o corpo quem recebe a mensagem por intermédio da implantação, quem experimenta a excitação sexual e é o corpo, também, quem detém o poder que inicia a tradução” (ao protomental) (p. 210). Curiosamente, o desenvolvimento de uma teoria que sustenta a radical implantação da sexualidade infantil desde o inconsciente dos pais, que despreza a constitucionalidade somática e que fala do *extravio biologizante* de Freud, acaba precisando recorrer ao corpo para dar conta de aspectos fundamentais da clínica. □

Abstract

The body

The author reflects upon the important shift that has taken place within current thinking regarding the relationship between the body and the psyche, from the traditional Cartesian dissociation between *res cogitans* and *res extensa* as different entities, to the current understanding of two functional aspects of the same organism. He stresses the importance of Freud’s work in this evolution, as

well as in the contributions of phenomenological philosophy in the 20th century and of current neuroscience. Likewise, the author reflects upon the origins of the mentioned dissociation, which is still prevalent in certain ways of thinking. He also briefly describes the alterations in the presentation of psychosomatic organization that appear in the clinical practice.

Keywords: body, mind, cartesian dissociation, phenomenological philosophy, neurosciences, hysteria, hypochondria, psychosomatoses.

Resumen

El cuerpo

El autor ofrece algunas reflexiones sobre el importante cambio que ha efectuado el pensamiento actual respecto a la consideración de las relaciones del cuerpo con el psiquismo desde la clásica disociación cartesiana entre *res cogitans* y *res extensa* como entidades distintas hasta la comprensión actual de dos aspectos funcionales de un mismo organismo. Hace hincapié en la importancia de la obra freudiana en esta evolución, así como en las aportaciones de la filosofía fenomenológica del siglo XX y de las consideraciones actuales de las neurociencias. Asimismo refleja sobre los orígenes de la citada disociación aún prevalente en ciertos modos de pensamiento. Describe someramente las formas con que aparecen en la clínica las alteraciones de la organización psicósomática.

Palabras clave: cuerpo, mente, disociación cartesiana, filosofía fenomenológica, neurociencias, histeria, hipocondría, psicósomatoses.

Referências

- Anzieu, D. (1984). Au fond du soi le toucher. *Rev. Franç. Psychanal.*, 48(6) : 1365-1398.
- Bertalanffy, L. von. (1968). *Teoría general de los sistemas*. México: F.C.E., 1976.
- Chasseguet-Smirguel, J. (2007). *El cuerpo como espejo del mundo*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Cruz Roche, R. (1990). L'originalitat del pensament científic de Freud. *Revista Catalana de Psicoanálisis*, 7: 45-50.
- Cruz Roche, R. (2006). Excitación objetal y constitución del psiquismo. *Revista de Psicoanálisis de la APM*, 48(6): 125-143.
- Damasio, A. (1994). *L'Erreur de Descartes. La raison des émotions*. Paris: Odile Jacob, 1995.

- Damasio, A. R.; Tiercelin, C. & Larssonneur, C. (1999). *Le Sentiment même de soi: Corps, émotion, conscience*. Paris: Odile Jacob.
- Darwin, Ch. (1873). *La expresión de las emociones en los animales y el hombre*. Madrid: Alianza. 1998.
- Desjours, Ch. (2015) Accidentes de la seducción y teoría del cuerpo. *Rev. Iberoamericana de Psicología, 15*: 197-219.
- Freud, S. (1898). La sexualidad en la etiología de las neurosis. In *Obras completas* (Vol. 3), Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1900). La interpretación de los sueños. In *Obras completas* (Vols. 4-5), Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1905). Tres ensayos de teoría sexual. In *Obras completas* (Vol. 7), Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1911). Formulaciones sobre los dos principios del acontecer psíquico. In *Obras completas* (Vol. 12), Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1915). Lo inconsciente. In *Obras completas* (Vol. 14), Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1918). De la historia de una neurosis infantil. In *Obras completas* (Vol. 17), Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1920). Más allá del principio de placer. In *Obras completas* (Vol. 18), Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1923). El yo y el ello. In *Obras completas* (Vol. 19), Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1933 [1932]). Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis. In *Obras completas* (Vol. 22), Buenos Aires: Amorrortu.
- Gaddini, E. (1981). Reflexiones sobre el problema mente-cuerpo. *Revista de Psicoanálisis de la APM, 52*, 2007.
- Husserl, E. (1913). *Ideas relativas a una fenomenología pura y una filosofía fenomenológica*. México: F.C.E., 1993.
- Kandel, E. (2012). *La era del inconsciente*. Barcelona: Paidós, 2013.
- Lain Entralgo, P. (1989). *El cuerpo humano. Teoría Actual*. Madrid: Espasa.
- Laplanche, J. (1993). *El extravío biologizante de la sexualidad en Freud*. Buenos Aires: Amorrortu, 1998.
- Mahler, M. (1968). Simbiosis humana. Las vicisitudes de la separación. México: J. Mortiz, 1972.
- Marcel, G. (1923). *Diario metafísico*. Madrid: Guadarrama, 1969.
- Marty, P. (1984). *Los movimientos individuales de vida y de muerte*. Barcelona: Toray, 1984.
- Marty, P. (1990). *La psychosomatique de l'adulte*. Paris: PUF.
- Marty, P. y De M'Uzan. (1963). La pensée opératoire. *Rev. Franç. Psychanal. 27, n° Special*, 345-356.
- Merlau-Ponty, M. (1945). *Fenomenología de la percepción. Parte I El Cuerpo*. Barcelona: Península, 1975.

- Merleau-Ponty, M. (1947). *La unión del alma y el cuerpo en Malebranche, Biran y Bergson*. Madrid: Encuentro, 2006.
- Merleau-Ponty, M. (1947). *La unión del alma y el cuerpo en Malebranche, Biran y Bergson*. Madrid: Encuentro, 2006.
- Minkowski, E. (1927). *La esquizofrenia*. Buenos Aires: Paidós, 1960.
- Morin, E. (1986). *El método III. El conocimiento del conocimiento*. Madrid: Cátedra, 1988.
- Nagel, Th. (1993). Searle, porque no somos ordenadores. In *Otras Mentes*. Barcelona: Gedisa, 2000.
- Ortega y Gasset, J. (1924). Vitalidad, alma y espíritu. *Obras completas II*. Madrid, Revista de Occidente, pp. 451-480.
- Sartre, J. P. (1940). *L'Imaginaire*. Paris : Gallimard, 1970.
- Sartre, J. P. (1943). *El ser y la nada*. Buenos Aires: Losada, 1966.
- Searle, J. (1992). *El redescubrimiento de la mente*. Barcelona: Crítica, 1996.
- Searle, J. (1997). *El misterio de la conciencia*. Barcelona: Paidós, 2000.

Recebido em 11/05/2016

Aceito em 17/08/2016

Tradução de **Lunara Pilecco**

Revisão técnica de **Kátia Ramil Magalhães**

Rafael Cruz Roche

Pº De La Habana 48, 1º Izda

Madrid 28036 – Espanha

e-mail: reruzroche@gmail.com

© *Rafael Cruz Roche*

Versão em português da Revista de Psicanálise – SPPA